

GEOGRAFIA E CINEMA: EM BUSCA DE APROXIMAÇÃO ENTRE REPRODUÇÃO E EXPERIÊNCIA NA PAISAGEM

Thamiris dos Santos e Silva¹, Glauco Vieira Fernandes²

Resumo:

Essa pesquisa trata de uma reflexão em torno do seguinte eixo temático: geografia e cinema documental e representação. Enquanto contribuição científica, esse trabalho possibilita a reflexão sobre o uso do documentário na pesquisa e no ensino de geografia. Aprender a leitura geográfica nos filmes é fundamental para ampliar o conhecimento espacial que dialoga entre o real e o representado. Como suporte conceitual, utilizamos o lugar e a paisagem geográfica para assimilar representações espaciais reais e produzidas nos filmes. Os conceitos geográficos foram trabalhados a partir de uma abordagem em que o simbólico e o cultural é compreendido em fricção entre o representado e o vivido no objeto de análise.

Palavras-chave: Cinema. Documentário. Representação.

1. Introdução

O presente trabalho trata de uma análise sobre a paisagem geográfica e os distintos objetos de investigação possíveis que travam diálogo entre geografia e cinema. Para tanto, recorreremos à categoria de lugar como par conceitual possível de dimensionar o aspecto do “vivido” na experiência humana e social no objeto investigado.

Dentro dessa linha nos voltaremos à linguagem documental, porém será explanado inicialmente o entendimento da relação geografia e cinema. Na perspectiva dos conceitos lugar e paisagem e das abordagens da experiência e representação dos filmes geograficamente. Nosso objetivo principal é relacionar aos significados que damos ao espaço numa dimensão além da realidade concreta. As representações espaciais – pelo cinema – também fazem parte das nossas construções ideológicas, sensíveis e socioespaciais sobre o mundo.

O espaço representado no cinema é um forte instrumento de propagação de ideias, significados, perspectivas e valores. Estamos diante de “representações do espaço” que deve ser de interesse de reflexão à geografia. É por isso que a ciência geográfica se descola do mundo material, de forma que o imaginário também é consumido, visualizado e abstraído pela sociedade.

Para Hopkins (2009) ao criar um espaço no filme, criamos uma *paisagem* e um *lugar* a partir da ação natural humana dos significados. O autor indica ao geógrafo a importância de rever os significados dos conceitos. Ou seja, não no sentido de estarem errados, mas que os conceitos possuem

1 Universidade Regional do Cariri, email: thamiris_santos99@hotmail.com

2 Universidade Regional do Cariri, email: glaucovieira@gmail.com

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

abrangências ou flexibilidades que se imbricam com as artes visuais. A Geografia, neste sentido, é também sentimento, significado e representação que damos ao espaço.

Um dos principais pontos de partida que uma geografia de cinema faz é refletir sobre a experiência de “representar o real”. A geografia não se limita apenas a análise da realidade palpável, ela também sobressai para o universo imaginário. A forma como interpretamos ou damos significado ao espaço está para além de um contato direto, é uma relação e construção interna. Qualquer sentido ou significado que damos ao mundo parte de uma cultura ou uma interpretação pessoal, ou seja, de ações determinadas por abstrações sentimentais (HOPKINS, 2009). Os homens constantemente constroem o espaço e suas visões a partir do ato de construção de significado nos objetos.

Nesta direção de construção/abstração/representação do mundo, Besse (2014) trata desta temática através do conceito de paisagem. Ele nos mostra que a paisagem está para além de um universo externo. A paisagem é uma construção humana a partir de suas percepções e pensamentos. É uma possibilidade de encontro de experiências e sentimentos. É na experiência com o mundo que automaticamente percebemos e interpretamos. Besse (2014) afirma que a paisagem também é um discurso ou imagem que criamos a partir da experiência. Nessa lógica, o cinema conjuga perfeitamente com essa visão na qual o filme é também uma criação paisagística.

As relações de interpretação dos signos feitas pelo homem, sobre o espaço, nos leva a conexão da geografia com o cinema. O cinema é mais que tudo um espaço idealizado sendo representado por imagens em movimento. Vale considerar que a geografia também é o imaginário fílmico, pois também são válidos os significados que atribuímos ao espaço. O cinema é a vida projetada pelas imagens em movimento.

O documentário é uma das vertentes linguísticas do cinema. Sua diferença está na técnica e na linguagem de produzir o conteúdo. Segundo Nichols (2005) a linguagem documental trata de conceitos invisíveis. As questões postas são conceituais e abstratas, porém explicita a interpretação do telespectador. Geralmente os documentários trazem conceitos com a intenção de instigar o debate de interesse social.

A história por trás do documentário, ou o espaço retratado, nele contém duas dimensões. A primeira, Nichols (2007) aponta como um universo construído pelo autor, de acordo com a própria crença e contexto histórico. A segunda, mostra a interpretação do público que pode ser diferente das intenções do autor; tudo dependerá da carga cultural de cada ser e sociedade.

Quando pensamos sobre documentários logo é comparado a uma obra mais realista. Fato que não há tanta ficção como as demais obras cinematográficas. Mas é sempre bom para os pesquisadores entenderem que toda representação não é a realidade concreta. Mesmo que o documentário passe uma sensação de “ao vivo”, houve uma estruturação ficcional proposta pela intenção do autor – e que na linguagem cinematográfica é denominada montagem ou edição. E toda montagem pressupõe uma manipulação da realidade, conforme as escolhas que são pautadas para a sequencias das imagens preferencialmente apresentadas na tela de projeção.

Para a geografia o documentário tem grande contribuição para os estudos reflexivos. Pois, a linguagem documental para tratar a realidade pode

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

fazê-lo de forma questionadora. Ou seja, a possibilidade de trazer questões mais vivas da realidade sem muita ficção contribui para a interpretação de como tentamos mostrar o real com a imagem mais real possível.

2. Objetivo

Discutir as possibilidades de construção do diálogo entre temas que envolvam geografia e cinema.

Especificamente, relacionamos dois instrumentos de análise teórico-metodológicos: primeiro, verificar a linguagem documental como uma das possibilidades da comunicação audiovisual e a realidade socio-espacial; segundo, propor meios de leituras geográficas nos filmes para complementar o ensino e a pesquisa como proposta metodológica voltada a análise da paisagem e lugar dos filmes por abordagens da experiência e representação.

3. Metodologia

Temos como proposta metodológica a leitura dos filmes por meio dos conceitos geográficos. Trazemos os autores Hopkins (2009) e Costa (2005) como um dos principais teóricos que possibilita essa leitura. Esses autores discutem sobre a similaridade do espaço real e representado por meio dos significados e representações feitos pelo homem. Para uma leitura geográfica dos filmes, é necessário encontrar os elementos geográficos nele, a paisagem e o lugar são um deles. Para que possamos entrar na prática da leitura dos filmes, devemos compreender que espaço real ou o representado não distancia da geografia.

Costa (2005) nos apresenta uma metodologia que possibilita o geógrafo à leitura direta dos filmes. Em suas considerações a autora sugere tais procedimentos. 1) Visão do cineasta sobre o fenômeno pesquisado; 2) Analisar a estrutura narrativa do filmes (como os principais elementos do filme é posto); 3) Analisar as localizações das cenas e os sentidos com o enredo; 4) Espaço sonoro no filme, a construção dialogada e musical; 5) Intertextualidade dos filmes, como um filme dialoga com outros; 6) Considerar a recepção do filme, sua audiência e relevância para o público.

4. Resultados

O trabalho em tela parte de uma estruturação teórica e metodológica sobre a leitura geográfica nos filmes. A pesquisa e os dados estão em fase de andamento. Inicialmente, buscamos compreender a relação cinema e geografia tendo em vista avançar a novas etapas. Para ampliar as reflexões foi recorrido a paisagem e lugar como ferramentas conceituais que se ajustam na análise do universo abstrato (representado) e o real (experimentado/vivido).

No cinema é possível enxergar duas ações essenciais para a análise geográfica, o *representar* e o *experimentar*. O *representar* parte da ação de produzir o espaço, que pode ser re-construído a partir das motivações e interesses particulares do autor. O *experimentar* é o ato de consumir o cinema,

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

ou seja, é a interpretação do público sobre os espaços e os fenômenos nos filmes. Esse universo de produção e consumo do cinema é complexo, envolve uma série de percepções que cada pessoa tem sobre o espaço e o real. O que é fictício acaba se tornando real a partir do que projetamos em imagens as nossas crenças. Nossa sensibilidade sobre a realidade não se limita ao mundo material, está também nos sentimentos e interpretações, seja em um filme, seja no espaço real.

Por isso que é possível traduzir o espaço imaginário pelos conceitos geográficos: são as mesmas relações. Porém o contato direto é diferente. Mas, no final, as percepções, interpretações e relações do público – no cinema – são abstraídas em suas construções culturais como acontece no espaço real. O universo fílmico e o real são projetados pelas pessoas da forma como damos significado aos objetos. No cinema, a produção da realidade ficcional também é produzida a partir do que mais motiva o autor. Além de que construir um universo fílmico também é mostrar suas ideias inspiradas no real. Mesmo que a construção do espaço seja ficção, suas referências sempre terão um pé na realidade e suas significações (COSTA, 2009).

Partindo as formas de compreensão dos filmes, Hopkins (2009) fala sobre como podemos ler os filmes com conceitos básicos da geografia – *paisagem* e *lugar*. Antes de qualquer coisa vale ressaltar duas relações dos conceitos e os filmes. A primeira é que a *paisagem* e o *lugar* dos filmes são noções espaciais construídos pelo autor no universo fílmico. Logo pode impactar e propagar diversos tipos de mensagens, jeito que o espaço é manipulado e selecionado (montagem) na construção do filme. A segunda relação é do espaço nos filmes possuir relações reais com o telespectador, a sensibilidade de paisagem e lugar é projetada pelo ouvinte.

A proximidade da paisagem geográfica com o cinema é simples, ambas são sensibilidades visuais. A paisagem é um ponto de vista, uma imagem cultural que representa e estrutura nosso mundo em volta (HOPKINS, 2009). O cinema é uma comunicação visual, uma imagem criada e estruturada com algum contexto cultural. O que toda essa questão implica é que a paisagem do cinema é consumida. Ela não é modelada pelas motivações e sentimentos dos cineastas. O consumo da paisagem fílmica sujeita ao entendimento de lugares na visão de alguém, podendo ter uma carga negativa ou positiva de idealizações do espaço.

Ao tratarmos do conceito geográfico *lugar*, entramos no universo fílmico da mesma noção de uma realidade construída. Pensar na relação entre o mundo real e cinema é uma grande tarefa do geógrafo. As imagens fílmicas dos lugares não faz parte apenas do discurso fílmico, mas se incorpora à realidade concreta (COSTA, 2005). O imaginário do filme se encontra com os lugares reais, ao experimentar nos filmes com espaços reais o espectador se projeta a uma realidade vivida redimensiona suas emoções e idealizações. Hopkins (2009) afirma que o lugar cinematográfico desafia a noção convencional de lugar porque não está ligada a uma localização específica no espaço físico. Trata-se de uma experiência proporcionada pelo estado de espírito e não de um contato físico. O lugar é sensível e vivido pelos valores e não pelo “toque” a algo absoluto e fixado no espaço.

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

5. Conclusão

Estamos em fase de andamento da pesquisa. Esse trabalho é uma introdução teórica e metodológica da proposta em questão.

6. Referências

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

COSTA, M. H. B. V. da. (43-78). In: ROSENDAHL, ZENY e CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

HOPKINS, Jeff. Um mapeamento de lugares cinemáticos: ícones, ideologia e o poder de representação enganosa. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

NICOLS, Bill. **O que é documentário**. Campinas-SP: Papyrus Editora, 2007.